



CARTOGRAFIA SOCIAL DO ESPAÇO URBANO DE MONTES CLAROS/MG: para aprender na cidade e apreender a cidade

Francielle Gonçalves Silva

Universidade Estadual de Montes Claros

Resumo

O artigo é resultado de observações, reflexões obtidas através das intervenções do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID - Subprojeto Geografia – Unimontes. Consiste em relato da “Oficina Cartografia Social” ministrada na Escola Estadual Professor Hamilton Lopes. A proposta consistiu em trabalhar o ensino da cartografia e da Geografia Urbana privilegiando a cidade média de Montes Claros/MG - BR, *locus* do educando. O procedimento metodológico baseia-se em revisão bibliográfica e experiência através da prática escolar das autoras. O objetivo foi desenvolver nos estudantes uma visão crítica da cidade em que vivem. Para tanto, utilizamos os recursos: fotografias, trabalho de campo, ferramenta de geotecnologias dentre elas o software de Sistema de Informações Geográficas – SIG, ArcGis 9.3, imagens de satélites (raster) e mapas. Neste contexto, a oficina corroborou para o entendimento sobre os elementos que compõem a cidade, aliado a compreensão dos conteúdos de Cartografia e Geografia urbana, possibilitando uma noção ampla e crítica do bairro e da cidade.

Palavras-chave: Cartografia social, Ensino de Geografia, Cidade e Urbano.

CARTOGRAPHY SOCIAL URBAN SPACE MONTES CLAROS/MG: for learning in the city and seize the city

Abstract

The article is the result of observations, reflections obtained through the intervention of the Institutional Program Initiation Grant to Teaching - PIBID - subproject geography - Unimontes. Is to report on the "Social Cartography Workshop" taught at the State School Professor Hamilton Lopes. The proposal was to work the teaching of cartography and Urban Geography favoring the average Montes Claros / MG - BR, educating locus. The methodological approach is based on literature review and experience through school practice of the authors. The goal was to develop in students a critical view of the city in which

they live. Therefore, we use the resources: photographs, field work, geoprocessamento tool among them the System software Geographic Information - GIS, ArcGIS 9.3, satellite images (raster) and maps. In this context, the workshop confirmed for the understanding of the elements that make up the city, combined with understanding of Cartography and Geography urban content, enabling a wide and critical notion of the neighborhood and the city.

Keywords: Social Cartography, Geography Teaching, City and Urban.

INTRODUÇÃO

“A história não se escreve fora do espaço, e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social”.
(Milton Santos).

Este estudo é fruto de observações e reflexões, insere-se num conjunto de estratégias referentes ao ensino da cidade e do lugar de vivência dentro do contexto escolar. Trata-se de um estudo desenvolvido através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Subprojeto Geografia – Pibid - Unimontes - na Escola Estadual Professor Hamilton Lopes. Fundamenta-se em estudar a cidade e o lugar, através da cartografia social: percepção por fotografias, mapas e utilização do Google Earth.

Grosso modo, a concepção de ensino tem implicações importantes no que diz respeito à prática do professor e à sua reflexão geográfica. Aqui, nos referimos não apenas a informações, conteúdos, mas à Geografia e o seu papel dentro do processo ensino/aprendizagem, sendo, este, garantir e disponibilizar o domínio dos conhecimentos como instrumento para que ao mesmo tempo em que o educando percorra o processo escola-universidade, adquira a consciência do que é ser um cidadão contemporâneo e como ele pode contribuir, positivamente, para transformar a realidade.

Acreditamos ser de suma importância as metodologias de ensino que visam a participação do aluno no processo de construção do conhecimento. Neste contexto, objetiva-se apresentar a discussão do ensino da cidade e do lugar, no caso, a cidade de Montes Claros/MG, partindo do local, bairro. Neste contexto, selecionamos o bairro Edgar Pereira, devido à localização da sede escolar de intervenção Pibid. Contou-se ainda, com fatores estruturais e espaciais que possibilitassem uma leitura crítica construtiva por parte dos discentes, razão da localização, conurbação e atendimento pela escola de bairros com significativos problemas sociais e de gestão, problemas tais como: habitações irregulares (favelização), estruturas precárias, segregação sócio espacial, violência, dentre outros. Contudo, buscou-se melhor compreender o que tem acarretado esses problemas, a fim de desenvolver nos alunos uma consciência crítica construtiva.

Desta feita, procurou-se entender: (a) como os alunos concebem o seu bairro e sua escola na cidade de Montes Claros; (b) como o uso das ferramentas tecnológicas: imagens, raster[1], mapas, softwares de Sistemas de Informação

Geográficas (Google maps, Google Earth e O Software de Análise Espacial ArcGis) pode auxiliar na compreensão da paisagem; (c) as imagens do bairro potencializam e/ou expressam as transformações ocorridas em Montes Claros? Contudo, almejou-se levar os discentes a desenvolverem um raciocínio crítico social, partindo da sua vivência, de forma a assimilar o local ao global, levando-os a participar, efetivamente, no processo de construção do conhecimento.

Esperou-se compreender as transformações ocorridas e em vias de transformações no espaço urbano da cidade média de Montes Claros. Esta, nas últimas décadas passa por um intenso processo de transformação no tecido urbano devido a funcionalidade inerente a sua posição de polo regional e econômico, sobretudo no setor de serviços (saúde, educação). Contudo, este estudo é resultado da reflexão do professor, enquanto interlocutor de inovações em sala de aula, estendendo a Geografia para cada instante da vida do estudante, uma vez que a Geografia é feita diariamente. Portanto, é impossível entender os espaços geográficos sem perceber os conflitos, desigualdades sociais, a questão ambiental, entre outros problemas.

Breve reflexão: O urbano e a cidade: complexo conjunto de interação entre si

Nos trabalhos de análise sobre a cidade, sobre o urbano e os sujeitos neles envolvidos, essencialmente no caso brasileiro, notam-se, na atualidade, a utilização de diversas orientações teóricas e metodológicas. Além de diferentes concepções teóricas sobre a cidade, as diferenças podem ser explicitadas do ponto de vista da escala de análise.

Conforme Clark, (1991) houve mudanças no enfoque no contexto da Geografia Urbana desde sua emergência como subdisciplina. Enquanto a Geografia no início do século XX se preocupava com a exploração e a descoberta (relação homem e meio) e em definir e escrever regiões, a partir de 1945, a atenção foi dirigida para o modelismo espacial e análise espacial. A Geografia Urbana se desenvolveu junto a Geografia, e como ela sofreu mudanças fundamentais de enfoque, seu conteúdo inicialmente era preocupado com o sítio e situação das cidades e atualmente para um interesse em relação aos aspectos comportamentais e políticos da estrutura urbana (forma e processo).

Nessa perspectiva, existem aqueles que tomam a cidade como possibilidade da análise regional e aqueles que a analisam numa perspectiva intra-urbana. Nesta perspectiva, a cidade é, particularmente, o lugar onde se reúnem as melhores condições para o desenvolvimento do capitalismo. A cidade reúne qualitativamente e quantitativamente as condições necessárias ao desenvolvimento do capitalismo, e por isso ocupa o papel de comando na divisão social do trabalho.

O interesse em conhecer a cidade reside no fato dela ser o local onde vive a maior parcela da população, além de ser o local dos investimentos de capital público e privado, sejam nas atividades localizadas na cidade ou no próprio espaço urbano onde se produz a cidade. Ratificando a abordagem adotada por Correia (1989), a temática interessa também os planejadores, políticos e àqueles detêm alguma

fração do capital financeiro, imobiliário, comercial, fundiário ou industrial. Acrescenta-se ainda, habitantes da cidade, dentre eles os ativistas e membros de associações de bairros e ONGs.

A cidade é o lugar onde se concentra a força de trabalho e os meios necessários à produção em larga escala e, portanto, é o local da gestão, das decisões que orientam o desenvolvimento do próprio modo de produção, conduz a divisão territorial do trabalho e articula a ligação entre as cidades da rede urbana e entre as cidades e o campo. Portanto, determina o papel do campo no processo e estimula a constituição da rede urbana.

O espaço urbano pode ser analisado como um conjunto de interações, que pode ser concebido a partir da concepção de seus habitantes ou de outros segmentos parte dele constituintes, como os agentes sociais que fazem e refazem a cidade. Neste contexto, o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado, suas partes constituintes mantêm relações umas com as outras. “Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a organização espacial da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado” (CORRÊA, 1989, p. 7). Portanto, o urbano é “realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento.” (LEFEBVRE, 1991, p. 49).

Ao definirmos a organização interna atual das cidades brasileira, levamos em consideração que quanto menor a aglomeração, menor a diversidade de sua ecologia social; quanto mais populosa e mais vasta, mais diferenciadas a atividade e estrutura de classes, explicitando suas diferenciações.

As grandes cidades ocupam em um quadro geral, vastas superfícies, intercaladas de vazios, espraiadas, características de uma urbanização corporativa, há interdependência do que podemos chamar de categorias espaciais relevantes desta época, forma e processo: tamanho urbano, modelo rodoviário, carência de infraestruturas, especulação fundiária e imobiliária, problemas de transportes, extroversão e periferação da população, gerando, graças às dimensões da pobreza e seu componente geográfico, um modelo específico: centro-periferia.

É importante frisar também, que o espaço urbano, especialmente o capitalista é profundamente desigual, reflexo social, mutável e condicionante da sociedade. Desta feita, é campo em que foram impressas ações realizadas no presente como também daquelas que se realizaram no passado. As desigualdades constituem-se como característica do próprio espaço urbano capitalista, dispondo de uma mutabilidade que é complexa, com ritmos e natureza diferenciados.

Pode-se afirmar, portanto, o espaço urbano constitui-se em usos de solo diversos com forma espaciais diversificadas. As formas espaciais exercem diversas funções, como produção, vendas de mercadorias, prestação de serviços e funções simbólicas. A complexidade da ação dos agentes sociais levam a um processo de reorganização espacial via incorporação de novas áreas, diversificação do uso do solo deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação da infraestrutura e mudança do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade, (CORRÊA, 1989).

Cada qual dessas realidades sustenta e alimenta as demais e o crescimento urbano é, também, o crescimento sistêmico dessas características. As cidades são grandes porque há especulação e vice-versa; porque há vazios, as cidades são grandes. O modelo rodoviário urbano é fator de crescimento disperso e do espraiamento da cidade.

Surge o problema da especulação relacionado à criação mercantil da escassez, e o problema do acesso à terra e à habitação se acentua. Contudo, o déficit de residências leva a especulação, estes dois, à periferização da população mais pobre, ocasionando o aumento do tamanho urbano. Em conjunto a outros fatores as carências em serviços alimentam a especulação, devido a diferencial valorização das frações do território urbano. Esta lógica favorece os centros em detrimento das periferias, onde os agentes, sujeitos dos processos, neste contexto, o Estado tem papel singular, (re) organizam o espaço urbano sob a lógica capitalista a indigência de uma maioria. Para DAVIDOVICH, (1995, p. 79). “A urbanização integrou uma forte ascensão do poder do Estado, constituído em principal agente de desenvolvimento e de modernização do país”.

No entanto, surgem, também, as “novas periferias” e/ou “novas urbanidades”, áreas periféricas, contudo, servidas de infraestruturas e amenidades: logística, comunicações, lazer, destinadas a uma população de alto poder aquisitivo. Nessas áreas são implantados os loteamentos fechados, condomínios horizontais, em sua maioria, para servir esse público específico. Cria-se, portanto outra forma de segregação, a segregação imposta.

Abordagem da cidade e do espaço urbano no ensino básico.

Os estudos intraurbanos devem ser ampliados sob o argumento de que tal escala de análise é importante para o entendimento da complexidade do ensino sobre a cidade, especialmente, quando se recortam elementos do espaço urbano para compor a matéria de ensino da Geografia. Entretanto, a análise de escala regional é da mesma forma importante. Inclusive, o urbano pode ser analisado e ensinado complementarmente pelos estudos das duas perspectivas acima explicitadas. O argumento dessa afirmação reside no fato de que diversos autores que tratam do ensino da Geografia afirmam que, ao ensinar sobre o lugar, deve-se articular o local e o global.

...uma sociedade constrói o seu espaço a partir de determinados critérios de uso instituídos no seu sistema de representações do mundo; ela o explora, o transforma e o modela segundo tais critérios. Toda sociedade exprime sua marca sobre o seu espaço e, como contrapartida, o espaço aparece como um modo de manifestação ou de expressão da sociedade (BARBOSA, 2000, p. 74).

Neste contexto, afirma Santos (1997) que o espaço geográfico se constitui em um conjunto de sistemas de objetos que se reflete em um sistema de ações. Contudo, o homem imprime a sua marca sobre o meio condicionando o espaço a uma manifestação de expressão socialmente produzida.

Como cada indivíduo imprime sua marca no espaço onde vive e este, não é simplesmente um dado da realidade, os alunos tem uma visão diferenciada do mesmo, pois é no espaço geográfico onde são concebidas as inter-relações homem x meio como uma construção complexa onde intervêm o sujeito, a realidade espacial terrestre e suas representações.

Do ponto de vista da construção de conhecimentos de Geografia Urbana, reiteramos a relevância da observação *in loco*, seja no exercício da observação geográfica, seja na produção de diferentes representações do espaço. Cavalcanti (2002) argumenta a importância de se estudar a temática da cidade nos conteúdos de Geografia, por dois motivos, um por se tratar de uma espacialidade específica com suas multiplicidades de aspectos e características próprias, outro como desenvolvimento de habilidades, valores e condutas para a vida cotidiana, contribuindo neste sentido para a formação da cidadania.

Nos estudos da cidade no ensino de Geografia deve se levar em conta a busca de se conquistar a cidadania. Esse objetivo também está explícito nas diversas propostas curriculares para o ensino de Geografia, sejam elas, federais, estaduais ou municipais, do ensino fundamental ou do nível médio.

O ensino de Geografia contribui para a formação da cidadania através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada como um espaço aberto e vivo de culturas. O exercício da cidadania na sociedade atual, por sua vez, requer uma concepção, uma experiência, uma prática – comportamentos, hábitos, ações concretas – de cidade. (Cavalcanti, 2002:47).

A importância da cidade para a constituição da cidadania se estabelece ao passo que se tem a percepção da cidade, não apenas como aglomerado de pessoas, e sim campo simbólico de lutas. Desta feita, a cidade é o *lócus* onde se expressam todas as nossas contradições sociais. É a dialética do estar vivo, do querer e do não querer. Parece-nos que na cidade todos os problemas são evidenciados, viram notícias, todas as mazelas sociais são mais profundas, pois no campo elas também existem, mas na cidade há um caráter próprio dela que é o de aglomeração, enquanto no campo é o da dispersão.

Acreditamos ser de suma importância a participação do aluno nesse processo de construção do conhecimento. Torna-se imprescindível, portanto, apresentar a discussão do ensino da cidade e do lugar, no caso, a cidade de Montes Claros/MG partindo da concepção dos bairros, local cotidiano do discente.

Montes Claros apresenta significativos problemas sociais e de gestão, problemas tais como: *déficit* habitacional, habitações precárias, especulação imobiliária, segregação habitacional, congestionamentos, violência, criminalidade, dentre outros. Bem como, um acelerado processo de crescimento econômico e incipiente rearranjo estrutural.

As transformações econômicas, sociais, políticas e culturais mais recentes, em conjunto com as novas concepções pedagógicas, vêm refletindo no ensino de

maneira geral e no tema específico da cidade. Neste sentido, atualmente a formação integral do aluno está centrada não só no aspecto cognitivo, o saber, mas também nos aspectos comportamentais, ou seja, saber fazer, e também nas atitudes e valores, exigindo dos professores que trabalham com a temática urbana uma visão mais ampla para pensar e planejar a mesma.

Assinalamos que a urbanização é tida como um processo importante para entender a cidade e o seu contexto. Nesse movimento de renovação geográfica, novos temas passaram a ser o foco de análise da cidade/urbano, renda e uso do solo, produção da moradia/habitação, segregação social/espacial (imposta e auto-imposta), acessibilidade à infraestrutura urbana, agentes produtores do espaço urbano (Estado, capital, sociedade, especuladores, agente imobiliários, dentre outros). A Geografia urbana passa a entender a cidade do ponto de vista social, e o indivíduo, o morador, o aluno é o agente de produção e transformação da mesma.

Para tanto, o caminho para a construção da cidadania, no seu sentido pleno, ou seja, na formação de opinião crítica e de participação na construção social não configura como um caminho fácil/simples, mas sem dúvida um caminho que deva ser trilhado, principalmente, mas não exclusivamente pela escola, e, portanto a Geografia, com todo o seu arcabouço teórico-metodológico, enquanto ciência acadêmica ou disciplina escolar pode contribuir, e muito, nessa caminhada, seja nos conteúdos relacionados à cidade/urbano ou a qualquer outra unidade temática.

MÉTODO E METODOLOGIA

A partir das discussões junto à professora supervisora do Pibid Geografia na E. E. Prof^o. Hamilton Lopes acerca das principais dificuldades que os alunos encontram em relação à disciplina, foi proposto uma intervenção baseada nos aspectos considerados, mais relevantes e de maior dificuldade, portanto de carência de acompanhamento. Chegamos à conclusão que as disciplinas que os discentes careciam de acompanhamento mais urgente seria a Cartografia. Enfoques foram dados aos conceitos de representação, escalas, e Sistemas de Informações Geográficas (SIG).

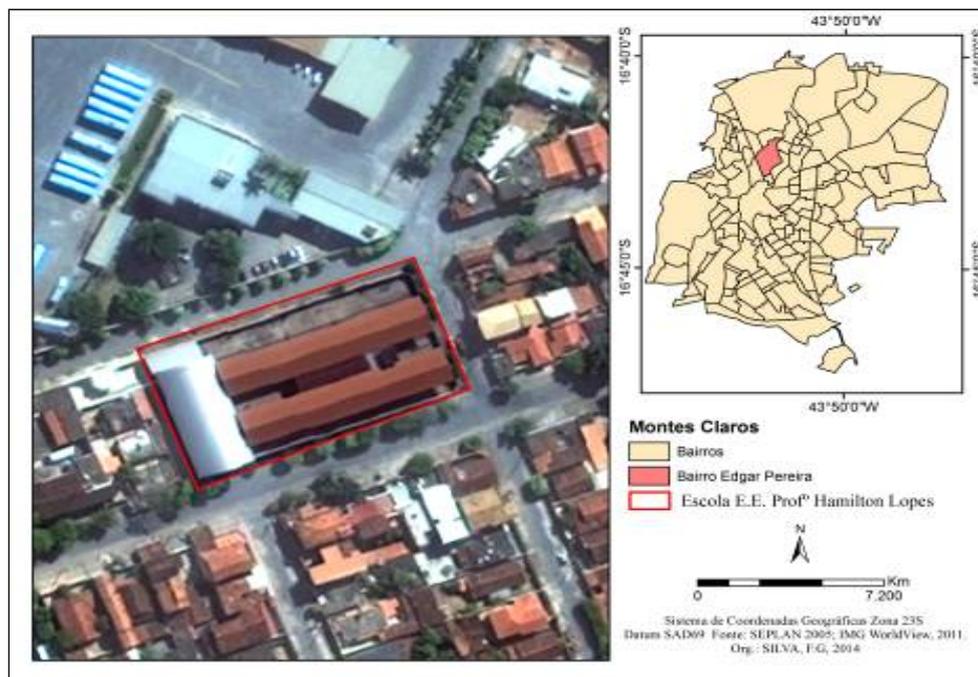
Definem-se Sistemas de Informação Geográfica (SIG) por “um sistema com capacidade para aquisição, armazenamento, tratamento, integração, processamento, recuperação, transformação, manipulação, modelagem, atualização, análise e exibição de informações digitais georreferenciadas, topologicamente estruturadas associadas ou não a um banco de dados alfanuméricos”. Rocha (2000). O conjunto é composto com quatro partes básicas: hardware, software, dados e operador humano. O hardware é composto por um computador com capacidade de processamento e de armazenamento. O software, um conjunto de operações e procedimentos que podem ser aplicados a determinado problema. Os dados geográficos são atributos alfanuméricos computadorizados, de variados formatos. O operador humano é o indivíduo que irá interagir com os elementos referidos tendo em vista a resolução ou esclarecimento de determinada questão.

Entretanto, percebemos que seria importante relacionar os conteúdos a realidade dos discentes para não cair no ostracismo de reprodução de conhecimento. Para

tanto, optamos pela abordagem holística e integradora, onde associamos as transformações do espaço urbano de Montes Claros, passível de uma leitura crítica por parte dos discentes, por ser campo de suas experiências pessoais. Sendo assim, realizou-se a oficina constituída por uma série de cinco encontros semanais com carga horária de três horas semanais, em que foram utilizados, o vídeo “Na cidade”, a animação aborda os temas como a desigualdade e os contrastes sociais, por meio de uma história em que o personagem principal vai à cidade grande e depara com a falta de moradia e a fome, entre outros problemas. Utilizou-se, também, mapas elaborados através do software ArcGis 9.3. A escola sede do estudo está localizada no bairro Edgar Pereira a Centro-oeste do perímetro urbano (Figura 1).

Utilizamos também, os recursos tecnológicos Google Earth, Docs e Maps através dessas ferramentas a turma foi dividida em pequenos grupos e realizaram pesquisas sobre a localização do bairro e demais bairros da cidade, com o auxílio da internet, posteriormente, os resultados foram discutidos e apresentados pela turma de forma colaborativa. As fotografias coletadas no trabalho de campo nas imediações da escola foram coletadas e estudadas pelos estudantes, aos quais observaram e deram maior atenção à localização das casas, comércios, indústrias, igrejas, etc. No final as fotografias foram expostas no mural da escola. Semelhantemente, as imagens Raster Quick Bird, (2005) e World View, (2011) do perímetro urbano, foram analisadas junto aos discentes no intuito de identificar as transformações inerentes ao espaço urbano dessa cidade média.

Figura 01: Localização da E.E Prof^o Hamilton Lopes – Bairro Edgar Pereira



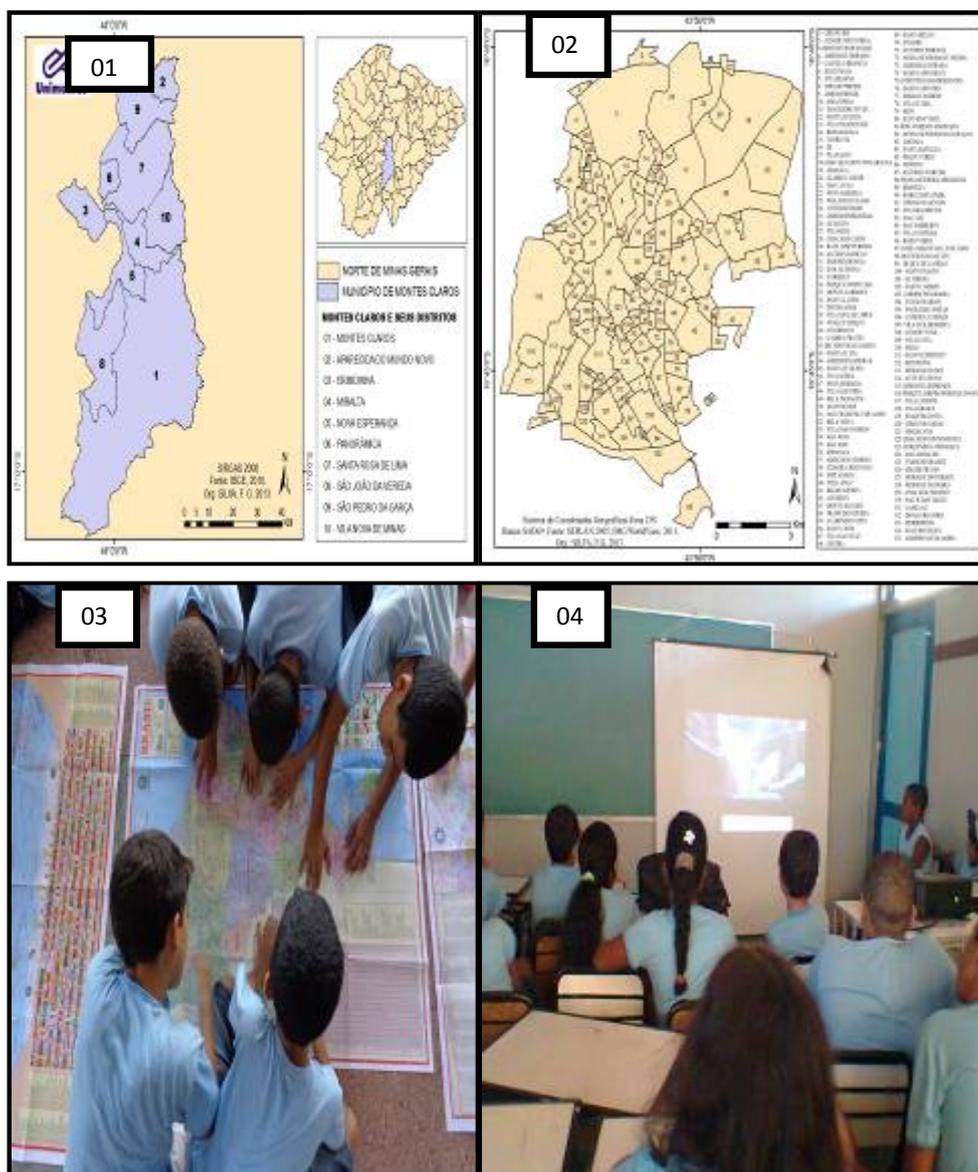
Fonte: Secretária Municipal de Planejamento e Coordenação – SEPLAN, 2005; IMG. World View, 2011. Org.: SILVA, F. G.2014.

Contudo, a oficina “**Cartografia Social**” teve como objetivo geral trabalhar junto aos alunos, da escola, noções de representações cartográficas (mapas, projeções, escalas), conhecer o perímetro urbano (Figura 2) do município, tendo em vista um olhar crítico social. Buscou-se ainda, identificar as diferenças sociais e culturais da comunidade (bairro), cidade em que vivem, relacionando-as a localização no país, trabalharam-se os mapas com suporte das pesquisas, fotografias e Rasters, apontando a localização geográfica da comunidade e dos grupos sociais distinguindo sua funcionalidade na cidade de Montes Claros.

O método avaliativo utilizado consistiu em uma postura que privilegiou a prática ante a realidade estudada e observada. Diante das discussões dos dados disponibilizados (vídeos, fotografias, imagens raster, pesquisas na internet e mapas) os estudantes foram convidados a expor suas intenções, predisposições, atitudes diante do novo olhar para a sociedade, e tudo que pôde ser registrado em um painel/cartaz.

Os estudantes foram convidados a colocar em execução o proposto, listando quais atitudes podem tomar perante a comunidade, bairro. Foram levantadas as seguintes questões: (1) como contribuir com o bem estar da comunidade em geral? (2) É possível diminuir as diferenças sociais e culturais da comunidade em que vivemos e em nosso país? (3) Os mapas utilizados e trabalhados a partir das atividades em sala de aula a respeito da comunidade, cidade e sua localização geográfica pode levar a um planejamento urbano? (4) O que o grupo acha de encaminhar as reivindicações aos órgãos competentes, tais como Câmara de Vereadores e Prefeitura Municipal?

Figura 2: Métodos aplicados na Oficina



Fonte: Arquivo pessoal. Mosaico: (01 e 02), mapas do município e do perímetro urbano de Montes Claros; (03) identificação de Montes Claros no mapa do Brasil; (04) vídeo “A cidade”. SILVA, F. G. 2013.

Desta feita, as atividades ocorreram da seguinte forma: perguntamos aos educandos se eles conhecem a comunidade onde a escola está inserida, sua formação e as características da comunidade. Anotamos, no quadro, as respostas dos alunos e após concluírem as questões, atribuímos porcentagens aos resultados. Questionamos ainda, se o perfil da comunidade descrito, por eles, condiz com a realidade da cidade de Montes Claros. Após esse levantamento, sugerimos um debate com base no vídeo “Na Cidade”, a fim de relacionar a história a vivência cotidiana. “Ao ensinar geografia, deve se dar prioridade à construção dos conceitos pela ação da criança, tomando como referência as suas observações do lugar de vivência para que se possa formalizar conceitos geográficos por meio da linguagem cartográfica” (CASTELAR, 2000, p. 31).

Posteriormente, a turma foi dividida em grupos, para realizarem pesquisa na internet sobre a cidade de Montes Claros e pesquisa do bairro via *Google Earth* e *Maps*. Posteriormente, os resultados foram apresentados para a turma. Para sistematizar a pesquisa, sugerimos a ferramenta *Google Docs* que possibilita criar textos e apresentações de forma colaborativa, o intuito foi despertar a curiosidade no discente. Corrobora com essa ideia Freire (2001, p. 98) ao afirmar que “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser”.

A partir do momento em que os alunos localizaram a escola e o bairro no contexto da cidade, foi o momento de aplicar os conhecimentos adquiridos e conhecer de perto a comunidade local. Apresentamos para a turma, um mapa da localização da comunidade escolar, pedimos para que eles fizessem uma leitura cartográfica e sócio-espacial da área, indicando as coordenadas e fazendo as legendas das áreas localizadas, contemplando características econômicas, sociais, culturais, históricas, etc; descrevendo a região onde mora e suas principais características. Essa é a base da cartografia social apresentada. Em seguida, os grupos discutiram os dados das pesquisas, elaboraram relatórios e fomos a campo no intuito de registrar as observações feitas por eles via *Google Earth*, mapas, e imagens de satélites (raster). Durante o campo procuramos estimular os conhecimentos prévios dos discentes sobre a comunidade relacionando-os as observações *in loco*: localização das casas, comércios, indústrias, igrejas, etc.

Por fim, os educandos apresentaram para seus respectivos grupos as fotos coletadas por eles. Os grupos analisaram as fotografias, apontando as relações entre elas, as imagens e mapas, questionamentos foram levantados em relação às escolhas das fotografias e a realidade apontada nas pesquisas compondo-se o painel principal das fotos representativas da região. Logo após, os estudantes fizeram um relatório individual em texto dissertativo, indicando o que aprendeu com a atividade, quais as percepções e lições, o que mais chamou a atenção, pontos positivos e negativos e as dificuldades encontradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que os discentes adquiriram uma consciência crítico social após a oficina, numa trajetória em que o conteúdo é, em especial, o mundo dos sujeitos envolvidos, reconhecendo a história de cada um e a história do grupo, em concordância especialmente a aquelas ligadas aos objetivos principais, que visa “a cadeia dos conceitos e categorias de análise com a trama das experiências e da cultura mesma do grupo envolvido” (MARQUES, 1993, p. 111).

Enfatizamos, mais uma vez, a importância de usar as práticas de ensino onde a mediação pedagógica assume papel importante, onde o conhecimento é construído com o aluno e não indiferente a ele, vistos como um gentio a ser convertido no que desejamos. Corroboram com essa perspectiva os seguintes autores: Silva e Fonseca (2011a e b); Freire (1997); Kaercher (2004).

A oficina “**Cartografia social**” foi proposta com o intuito de trabalhar com os alunos assuntos referentes à Cartografia, demonstrando, principalmente, suas

utilidades no dia-a-dia, sanando algumas dificuldades que estes tinham no tocante a esta matéria: domínio do conteúdo de escala, por exemplo, pode facilitar a vida cotidiana na medida em que "(...) ajuda à percepção das distâncias, portanto do tempo provavelmente gasto para um deslocamento e permite o cidadão situar-se no espaço a vários níveis, local, regional e até mundial" (LE SANN, 1984, p. 56). Com isso, a intenção era que os discentes pudessem entender o conteúdo e seus sentidos, e não apenas decorá-lo.

É claro que o ensino de nenhuma matéria pode se pautar apenas pela memorização. Ensino é processo de conhecimento, é mudança de qualidade no pensamento e a memorização enquanto tal não é conhecimento, nem provoca mudança na qualidade do pensamento. (Cavalcanti (2004), p. 133).

Além de trabalhar os conteúdos da cartografia em que os alunos possuíam dificuldades, aliamos ao tema o estudo do urbano, a cidade e o lugar, com o intuito, entre muitos, de instigar nos discentes o interesse de participar das oficinas de forma voluntária, em vez de induzidos pelos pais e/ou professora.

Conforme a premissa de que todo aluno (indivíduo) possui um saber geográfico local, cultural e afetivo, portanto, a partir da observação do meio próximo ao aluno, da sua localização e representação é que serão construídos os conceitos que permitirão o discente a compreender sua realidade e transformá-la. Essa capacidade de observação já existe no discente antes de sua vida escolar, registrada pela experiência acumulada e se constitui num rico material a ser explorado pelo professor. Contudo, ao valorizar as informações levadas para a aula, pelos alunos, do ambiente de seu convívio social (baixa renda ou das classes médias), o professor irá construir uma visão mais abrangente, incluindo diferentes formas para que o discente aprenda o significado do mundo.

A Geografia deve proporcionar a construção de conceitos que possibilite ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade. Não podemos negar a realidade sócio-espacial do aluno. Essa realidade não pode ser vista como algo parado, estático, mas sim, em constante movimento. Muitas vezes o ensino não passa de uma série de memorizações exageradas, com a enumeração e a descrição de fatos isolados, algo posto. Conforme Azambuja (1991), a Geografia comprometida com o cidadão deve ensinar o ato de pesquisar, pois ao trabalhar com a realidade o aluno percebe os motivos humanos nos estudos das informações, e ao compreender o lugar vinculado ao todo, é mais importante que saber tudo.

Todavia, ler o mundo a partir do lugar é o desafio. Como desenvolver a curiosidade no discente para que ele possa avançar na sua leitura de mundo? Não é necessário ser um grande teórico da educação para responder a essa pergunta, de fato, é necessário romper com o ensino mnemônico, onde o educando é visto como um gentio a ser convertido no que queremos. Devemos instigar nos alunos o interesse pelo ensino geográfico estendendo-o para cada instante de suas vidas.

Vivemos a Era da Informação, o chamado meio técnico científico informacional apresentado por Milton Santos [2] um mundo totalmente “globalizado”, alguns falam em “homogeneização” do mundo, “mundo sem fronteiras”. No entanto, o que vemos é um mundo cada vez mais híbrido, onde a tecnologia, sobretudo os meios de comunicação, tem encurtado a distância entre as pessoas, ao passo que o mesmo desenvolvimento vem aumentando as distâncias entre os desenvolvidos e os subdesenvolvidos, os ricos e os pobres, o centro e a periferia, a metrópole e a cidade. Contudo, essa globalização, por meio das questões que são globais, se concretiza nos diversos lugares, em cada lugar em especial, e com diferentes formas de apresentação, pois cada lugar tem sua história, seus homens e suas capacidades de se organizar e pensar alternativas distintas.

Deste modo, ao ler o espaço e o lugar, desencadeia-se o processo de conhecimento da realidade que é vivida cotidianamente. Constrói-se o conceito, que é uma abstração da realidade, formado a partir da realidade em si, a partir da compreensão do lugar concreto, de onde se extraem elementos para pensar o mundo (ao construir a nossa história e o nosso espaço). Portanto, ao observar o lugar e confrontá-lo com outros lugares, tem início um processo de abstração que se assenta entre o real aparente, visível, perceptível e o concreto pensado na elaboração do que está sendo vivido.

Nesse sentido, estudar o lugar, como contrapartida ao movimento de homogeneização produzido pela mídia e pela ação concreta das grandes empresas, pode ser interessante, uma vez que, num mundo globalizado, as ideias universais só se concretizam nos lugares, e não no global, no geral. Ao se reconhecer o lugar como parte de nossa vida, um dado que nos permite criar uma identidade, implicando a ideia de pertencimento, irá corroborar para a ação em grupo, e não apenas para servir a interesses externos.

Grosso modo, o lugar como categoria chave de nosso estudo, possibilita nos inúmeros enfoques, levando o discente relacionar fatos, através de estímulos para o desenvolvimento de sua capacidade de observação do meio a qual está inserido. Este, por sua vez, deve ser entendido como uma sucessão de eventos criados pelas relações, embates e conflitos dos seres humanos com seu entorno, natureza ou a própria sociedade. Entendemos ser possível construir uma forma de aprendizagem preocupada com o aspecto cognitivo, entendido como construção, não acumulação de conhecimentos, mediante a articulação de ideias representativas da realidade vivenciada.

Notas de Rodapé

[1] As estruturas Raster representam os objetos geográficos dividindo a superfície em células retangulares discretas (pixels), dispostas numa quadrícula. Cada célula tem um valor que representa uma dada característica da região.

[2] Em 1982, o geógrafo Milton Santos, em seu trabalho intitulado *Pensando o Espaço do Homem*, já alertava para o fato de que, das múltiplas denominações aplicadas ao nosso tempo, nenhuma é mais expressiva que a de período tecnológico. Dizia ele que a técnica é um intermediário entre a natureza e o homem desde os tempos mais remotos e inocentes da História. Mas, ao converter-se num objeto de elaboração científica sofisticada, acabou por subverter as relações do homem com o meio, as relações entre as classes sociais e até mesmo as relações entre as nações.

REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. ***A construção de uma prática de ensino de geografia no 1º grau***. Dissertações de Mestrado, UFSC, 1991.

BARBOSA, Jorge Luiz. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. In: ***GEOgraphia***, ano II, n.3, Niterói: UFF, 2000.

CASTELLAR, S.M.V. ***A alfabetização em geografia. Espaços da Escola***. Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. ***Geografia, escola e construção de conhecimentos***. 6. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2004. 192p.

CAVALCANTI, L.S. ***Geografia e práticas de ensino***. Goiânia: Alternativa, 2002.

CORREA, Roberto, L. ***O espaço urbano***. São Paulo: Ática, 1989.

CLARK, David. ***Introdução à Geografia Urbana***. 2ª Edição, Editora Bertran Brasil, Riode Janeiro, 1991.

DAVIDOVICH, Fany R. ***Considerações Sobre a Urbanização no Brasil***. In CHRISTOFOLETTI, Antônio et alli (org). *Geografia e Meio Ambiente no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1995, pp. 79 -135.

FREIRE, P. ***Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa***. 18. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

KAERCHER, Nestor Andre. ***Ler e escrever a geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço***. 6ª Ed. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004.

LEFEBVRE, Henri. ***O direito à cidade***. São Paulo: Moraes, 1991.145 p.

LE SANN, J.G. ***A noção de escala em cartografia***. Revista Geografia e ensino. Belo Horizonte, v.2, nº 5, p. 56-66, Jun, 1984.

MARQUES, M.O. *Conhecimento e modernidade em reconstrução*. Ijuí: UNIJUÍ, 1993.

ROCHA, César Henrique Barra. *Geoprocessamento: Tecnologia Transdisciplinar*. Juiz de Fora: Editora do Autor, 2000.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, Francielle Gonçalves; FONSECA, Gildete Soares. *Reflexão da formação docente de geografia*. In: Anais do V FÓRUM DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Montes Claros - MG, no período de 21 a 24 de set. de 2011a.

_____. *Geografia escolar múltiplas formas de aprendizagem*. In: Anais do V FÓRUM DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Montes Claros - MG, no período de 21 a 24 de set. de 2011b.

FONTES:

Na cidade. Vídeo. Fonte: Portal do Professor. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnica.html?id=10817>> Acesso em: 23 de Jul. 2012.

Contato com o autor: franciellesilvamoc@hotmail.com

Recebido em: 15/04/2015

Aprovado em: 31/05/2015